

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO PROFISSIONAL: EXPERIÊNCIAS PRELIMINARES NO SERTÃO DO SERIDÓ

Danilo Cortez Gomes

*Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte; Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
danilo.cortez@ifrn.edu.br*

RESUMO: A educação empreendedora é uma ferramenta importante a ser disseminada entre as instituições de ensino, especialmente aquelas que atuam na educação profissional e que atuam com jovens, independente das modalidades de ensino. Nesse contexto, encontra-se o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, que com seus 21 campi distribuídos em todo território potiguar, tem tentado disponibilizar uma educação profissional de qualidade. Assim, o objetivo desse estudo foi diagnosticar e analisar a percepção dos alunos em relação às suas experiências nesta instituição, dentre estas, com a disciplina Gestão Organizacional ministrada em turmas e cursos diferenciados. O empreendedorismo jovem no sentido amplo, em que exemplos práticos e ferramentas úteis são apresentados e podem ser facilmente utilizados pelos discentes, apresenta-se como forma que aumentam as chances de inserção desses jovens no mercado de trabalho e em contrapartida, se torna fator preponderante para promoção do desenvolvimento socioeconômico brasileiro (LIMA-FILHO, SPROESSER e MARTINS, 2009; BULGACOV, 2010). Nesse sentido, esta pesquisa de natureza exploratória e descritiva utilizou um questionário com perguntas abertas e fechadas para a coleta de dados, seguido por uma análise quantitativa e qualitativa. Os questionários foram aplicados junto aos alunos dos cursos técnico integrado em alimentos e informática (nível médio – turmas concluintes do 4º ano) nos anos de 2012, 2013 e 2014 do IFRN – Campus Currais Novos, que cursaram a disciplina Gestão Organizacional, totalizando 215 alunos que compuseram o universo pesquisado. Os resultados indicaram que a experiência na instituição, bem como com a didática utilizada na disciplina, foram positivas e estimulantes para a formação profissional integral.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo, educação empreendedora, ensino profissional.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo busca abordar a temática do empreendedorismo relacionado à educação, isto é, verificar como um método de ensino denominado educação empreendedora pode disseminar assuntos inerentes ao mercado de trabalho e a criação de empresas, de forma dinâmica e eficiente. Ressalta-se que essa abordagem didática tem sido cada vez mais necessária nas mais diversas modalidades de ensino. Pode-se dizer que alguns fatores são predominantes para justificar o desenvolvimento dessa pesquisa, a saber: a necessidade de dinamizar a relação professor e aluno no contexto de sala de aula; a importância de abordar a temática do empreendedorismo para futuros profissionais que estarão

inseridos no mercado de trabalho; além da urgência em viabilizar o contato desses discentes no mundo “real” empresarial.

Desse modo, compreender a percepção desses alunos em relação ao ensino-aprendizagem da disciplina ministrada com base numa educação empreendedora permite aos pesquisadores e por que não dizer, a própria instituição – objeto de estudo – ter subsídios importantes para diálogos com outras disciplinas e profissionais da educação, sem contar no feedback obtido pelo professor pesquisador quanto ao trabalho desenvolvido com seus alunos, que tem uma perspectiva dinâmica e diferenciada.

Um dos maiores desafios atuais quanto se trata de educação consiste na forma como os conteúdos devem ser transmitidos aos alunos, havendo discordâncias consideráveis entre pesquisadores da área (HENGEMÜHLE, 2014). Entretanto, é sabido que a utilização de dinâmicas e atividades específicas que tornem determinados conteúdos mais atrativos e ao mesmo tempo, despertam a curiosidade dos discentes, é importante e necessária no atual contexto educacional.

Em tempos turbulentos em que projetos na área da educação acabam de ser aprovados no Congresso Nacional, especialmente o que trata da reforma do ensino médio e toda sua estrutura curricular, vale a pena considerar os dados aqui expostos. Salienta-se, ainda, que tendo em vista a expansão da rede federal de educação profissional no Brasil por meio dos Institutos Federais, constata-se o crescimento considerável da oferta de oportunidades para um público que além de um ensino de qualidade, tem a chance de adquirir uma formação técnica e profissional.

Dito isto, tem-se como problemática central desta pesquisa: Qual a percepção dos alunos concluintes nos anos 2012 a 2014 dos cursos técnicos integrados de nível médio do IFRN – Campus Currais Novos em relação às suas experiências nesta instituição de ensino, dentre estas, com a disciplina Gestão Organizacional ministrada com base numa educação empreendedora? Assim, para responder tal indagação, esse estudo tem como objetivo principal diagnosticar e analisar a percepção dos alunos concluintes nos anos 2012 a 2014 dos cursos técnicos integrados de nível médio do IFRN – Campus Currais Novos em relação às suas experiências nesta instituição de ensino, dentre estas, com a disciplina Gestão Organizacional ministrada com base numa educação empreendedora.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As diversas temáticas (criação de novos negócios, perfil profissional competitivo, etc.) que estão pautadas no empreendedorismo não são tão recentes, e no Brasil, pelo menos nas duas últimas décadas esse assunto passou a ser discutido com mais ênfase (DOLABELA, 1999), seja por parte das ciências sociais aplicadas, como a administração, ou em outras áreas que passaram a abordar suas ações tendo por base o empreendedorismo, como as ciências sociais que trazem a necessidade de discutir o empreendedorismo social, isto é, a forma como essas características inovadoras e eficientes

podem colaborar com projetos com alcance social e não meramente privado. Vale ressaltar que “formar pessoas competentes e empreendedoras também irá contribuir para diminuir as sequelas sociais que distanciam ricos e pobres. Portanto, abordamos o tema sob a ótica na qual a educação possa contribuir sistematicamente na formação de pessoas social, ecológica e economicamente responsáveis” (HENGEMÜHLE, 2014, p. 29).

Nessa perspectiva, o empreendedorismo passa não só a constar como disciplina obrigatória ou optativa nas grades curriculares dos mais diversos cursos de ensino superior, ensino médio e educação básica, mas chega também na atuação do docente enquanto empreendedor, ou seja, por meio de metodologias próprias, esses conhecimentos são transmitidos de forma dinâmica e instigante denominada educação empreendedora. De acordo com Filion (1999), esse processo de ensino distingue-se do tradicional por se pautar principalmente nas ações dos próprios alunos, contextualizando-os no mundo em que o mesmo está inserido, alertando-os para os desafios existentes e ao mesmo tempo preparando-os para as intempéries próprias de um mercado altamente competitivo, como a falta de recursos e investimentos, as incertezas típicas relacionadas ao início de uma carreira ou de um novo negócio.

Essa tentativa de mudança do status quo no ensino desses conteúdos implicam uma mudança de paradigma, que deve ocorrer de acordo com as exigências do complexo e exigente ambiente organizacional, levando-se em consideração das inúmeras dificuldades que se deparam aqueles profissionais que assim consideram urgente essa dinâmica da educação empreendedora, pois “os valores do nosso ensino não sinalizam para o empreendedorismo, estando voltados, em todos os níveis, para a formação de profissionais que irão buscar emprego no mercado de trabalho” (DOLABELA, 1999, p. 35). Além do mais, comumente se encontra outra característica muito disseminada nos cursos profissionalizantes e do ensino superior, que evidenciam demasiadamente o que Dolabela (1999) denomina de “cultura da grande empresa”, isto é, quando os exemplos e contextos abordados são inerentes às grandes empresas e não de acordo com a realidade local dos alunos, excluindo as características peculiares das micro e pequenas empresas da região.

O pensamento do autor destacando a importância da educação empreendedora corrobora com a percepção de Drucker (1986, p. 349) quando afirma que “a inovação e o espírito empreendedor são, portanto, necessários na sociedade tanto quanto na economia; na instituição de serviço público tanto quanto em empresas privadas”.

De fato, essa educação empreendedora que atinge principalmente o público estudantil jovem, tem-se solidificado como mecanismo de tentar despertar nesses alunos a importância sobre a inclusão no mercado de trabalho, seja como um profissional empregado com características distintas da grande maioria ou então como empreendedores que se tornam empregadores, tornando-se assim, um fator preponderante para promoção o desenvolvimento socioeconômico brasileiro (LIMA-FILHO,



SPROESSER e MARTINS, 2009; BULGACOV, 2010), pois a educação empreendedora dissemina princípios que auxiliam no alcance de resultados em curto, médio e longo prazo, dependendo das circunstâncias e contextos em que se inserem os atores envolvidos nesse tipo de dinâmica, em especial, os jovens que possuem uma questão e desafio essencial, isto é, “saber o que fazer para aproveitar a nova onda de profissões do futuro” (MENDES e FILHO, 2012, p. 40).

Nessa mesma linha de raciocínio, Drucker (1986, p. 361) ressalta que “em uma sociedade empreendedora, os indivíduos enfrentam um enorme desafio, desafio este que precisam explorar como sendo uma oportunidade: a necessidade por aprendizado e reaprendizado continuados”. Para tanto, essas oportunidades precisam ser descobertas, e ao serem vistas e descobertas, precisam ser aproveitadas. Nesse contexto, perceber, descobrir e aproveitar está intimamente vinculado ao aprendizado obtido por esses jovens. Conforme Dolabela e Fillion (2013, p. 136), urge uma mudança pautada nesse desafio acima descrito por Drucker (1986), que envolve primordialmente a educação com base no empreendedorismo.

Essa “revolução educacional” não ocorre de forma instantânea, pois se devem levar em consideração várias características específicas, a começar pela correta compreensão das necessidades dos empreendedores, bem como entender a maneira como as instituições de ensino encaram esses desafios e ao mesmo tempo, disponibilizam uma formação própria voltada para o empreendedorismo com base numa educação empreendedora, que se preocupa em atender também o desenvolvimento integral do indivíduo, a partir das dimensões cognitivas, afetivas e emocionais, como apregoado por Hengemühle (2014), no intuito de que essas pessoas possam enfrentar de forma adequada, profissional e competitiva, o universo incerto e turbulento que o espera (LIMA-FILHO, SPROESSER e MARTINS, 2009).

Para Rabbior *apud* Lopes (2010), os objetivos da educação empreendedora envolvem a conscientização sobre o empreendedorismo e a carreira empreendedora, que deve lançar sementes para o futuro; influenciar e desenvolver atitudes, habilidades e comportamentos empreendedores; desenvolver qualidades pessoais relacionadas às competências necessárias para o mundo moderno, tais como: criatividade, assumir risco e assumir responsabilidade; incentivar e desenvolver empreendedores, principalmente por meio da estimulação de criação de novos negócios e iniciativas, apoiando integralmente o desenvolvimento destas; gerar empregos; desenvolver conhecimentos, técnicas e habilidades focados no mundo dos negócios e necessários para a criação de uma empresa; além de auxiliar empreendedores e empresas, através de conhecimento e ferramentas, a melhorar sua competitividade.

Fillion (1993) define um empreendedor como uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões. Assim, desenvolver essas habilidades num indivíduo requer cuidado e métodos específicos para que os objetivos sejam realmente alcançados, tal qual a metodologia denominada Oficina do

Empreendedor, elaborada e disseminada por Dolabela (1999). Neste tipo de metodologia, o professor tem papel significativo, pois este assume “a função de criador do ambiente favorável ao desenvolvimento do empreendedor. Ele passa a ser organizador da cultura empreendedora e abandona as antigas funções de mediador do conhecimento” (DOLABELA, 1999, p. 111). Um exemplo pode ser visto em Gomes *et al.* (2014) que desenvolveu ações com base nessa metodologia por meio de atividades que articulavam ensino e extensão, gerando resultados bem interessantes.

Em contrapartida, Hengemühle (2014), evidencia que, no Brasil, ainda há uma distância substancial entre o idealizado e o necessário em relação às práticas pedagógicas desenvolvidas no atual ensino. Ao mesmo tempo, o autor afirma que o ensino do empreendedorismo com base numa educação empreendedora é uma das vertentes a serem utilizadas como propulsor de mudanças. Dolabela (1999) também aponta razões plausíveis para que a cultura empreendedora seja disseminada, pois esta estimula a autorrealização e o desenvolvimento, incidindo no desenvolvimento local, apoiando a pequena empresa, ampliando a base tecnológica, respondendo ao desemprego, apontando armadilhas a serem evitadas, bem como auxiliando numa reorientação do ensino brasileiro.

Não raramente surgem questionamentos a respeito da possibilidade de aprender a ser empreendedor e até que ponto a educação empreendedora é capaz de formar novos empreendedores. Sobre essa celeuma, Filion (2003, p. 16) diz que “é possível aprender o empreendedorismo. E a aprendizagem se realiza de uma maneira muito gradual”. Para Dolabela (1999), não há resultados científicos que apontem se é possível ensinar alguém a ser um empreendedor, todavia, entende-se que é possível aprender a sê-lo, desde que os subsídios e suportes necessários sejam disponibilizados a contento (FILION, 2004). Destaca-se, no entanto, que há um consenso no entendimento de que a maneira mais adequada e eficiente de ensinar o empreendedorismo é por meio da realidade educacional, ou seja, através de uma educação empreendedora que relacione conteúdo teórico e prático com base em exemplos reais do mundo do trabalho.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa de natureza exploratória e descritiva utilizou um questionário com perguntas abertas e fechadas (por meio de uma escala de Likert) para a coleta de dados, seguido por uma análise quantitativa e qualitativa. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico na tentativa de adquirir informações a respeito da temática proposta, com foco na educação empreendedora e suas diversas metodologias utilizadas em sala de aula atualmente no Brasil, bem como de experiências e projetos desenvolvidos sobre o assunto, sem esquecer os desafios subjacentes.

Um ponto interessante dessa pesquisa que ocorreu durante 3 anos se deu pelas diversas atividades que foram desenvolvidas, sempre em busca de despertar nos alunos o interesse sobre o

empreendedorismo. Nesse contexto, o ensino com base na educação empreendedora gerou ações bem dinâmicas que possibilitaram o envolvimento integral das turmas. Dessa forma, além das aulas teóricas, visitas a pequenas e grandes empresas foram um ponto decisivo nesse período. Não apenas pela visita em si, mas pela troca de informações com esses empreendedores ou empresários já consolidados em suas regiões. Na oportunidade, o docente titular da disciplina desenvolveu junto com as turmas, um projeto de extensão intitulado “Empreendedorismo Jovem: da escola para o mercado de trabalho”, o que proporcionou momentos bastante interessantes para os discentes. O projeto tentou diminuir a distância entre a escola e as empresas locais, permitindo aos alunos conhecerem um pouco mais de perto a realidade das empresas, com suas potencialidades e desafios constantes. Nesse mesmo projeto, empreendedores “ocultos” também puderam falar de sua labuta e criatividade, justamente aqueles que nem sempre são vistos como empreendedores por boa parte da sociedade.

Em outros momentos, foram realizadas visitas a organizações sem fins lucrativos de Currais Novos, pois tem-se a convicção do empreendedor passa também pelas dimensões afetivas e emocionais. Desse modo, foram parceiros dessas ações o Centro de Dependentes Químicos Ágape, o Abrigo de Idosos Mons. Paulo Herôncio, a Casa do Pobre, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais e o Centro de Referência de Assistência Social.

No entanto, a atividade mais específica que auxiliou no despertar sobre o empreendedorismo foi o trabalho de criação de novas empresas/produtos, realizadas em todas as turmas, que reunidas em grupos, criavam seus planos de negócios e modelos de negócio (através do método CANVAS), com base em oportunidades percebidas pelos alunos no tocante a região em que residiam. Esses trabalhos se tornam uma espécie de “Hotel de Projetos” que tem gerado resultados muito positivos, além de gerar uma expectativa muito salutar nos discentes.

A pesquisa foi realizada no IFRN – Campus de Currais Novos, cuja população-alvo se constituiu de todos os alunos dos cursos técnicos integrados que cursavam o 4º ano nos períodos de 2012, 2013 e 2014, nas turmas de informática e alimentos, totalizando 215 alunos. Por isso, esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa do tipo censitária. Os questionários foram aplicados sempre ao final da disciplina citada, caracterizando-se por um estudo longitudinal.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De fato, a maioria dos alunos que ingressam em uma instituição de educação profissional cujos cursos são prioritariamente técnicos, porém, sem descuidar do ensino nas suas concepções mais abrangentes, entra com muitas expectativas em relação a sua formação propriamente dita, todavia, resta saber se essas escolas estão não apenas aptas, mas disponíveis e formadas para suprir as expectativas apresentadas por esses alunos. Desse modo, com o intuito de identificar a percepção dos

alunos do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Currais Novos sobre essa missão institucional, ao serem questionados sobre em que nível suas expectativas foram supridas, estes responderam de forma positiva. Percebe-se que 45,6% dos alunos consideraram ótimo o atendimento de suas expectativas, percentual relevante levando em conta os diversos desafios enfrentados por um aluno do curso de nível médio integrado, a saber, dificuldade de conciliação entre as matérias convencionais do ensino médio e as disciplinas técnicas, deslocamento de cidades vizinhas, greves que ocorreram no período da pesquisa, etc. Esses dados tornam-se ainda mais relevantes quando levados em consideração as expectativas dos alunos de forma geral em relação aos cursos em que estão vinculados e suas respectivas pretensões profissionais futuras.

Outro fator que deve ser observado é que por desconhecerem o projeto pedagógico do curso, isso muitas vezes por desinteresse propriamente dito, essa relação entre as expectativas dos alunos versus instituição pode se tornar latente haja vista a impossibilidade da instituição atender todas as expectativas oriundas de alunos tão diferentes no que tange à personalidade, histórias de vida, pretensões profissionais, etc.

No tocante ao destino dos alunos que pretendem continuar na área do curso técnico integrado em que eles estão vinculados, 35,2% manifestaram o desejo de continuar na área, o que pode-se dizer que é um percentual relativamente baixo, o que corrobora com outros dados que serão apresentados e analisados mais adiante, dentre eles, que uma parte dos alunos entram nos cursos técnicos profissionalizantes da rede federal de ensino profissional com o objetivo de usufruir de um ensino de qualidade, especialmente nas disciplinas do ensino médio, cujo objetivo maior é a aprovação em exames nacionais de admissão para o ensino superior, e não necessariamente a formação técnica ofertada pela instituição de ensino. Assim, é comum certo desconhecimento das particularidades do curso e não raramente, a desistência de continuidade na área de formação técnica, ou seja, muitos dos alunos que entram com o desejo de se qualificarem como profissionais de determinada área acabam desistindo dessa ideia.

Vale salientar que 35,2% dos alunos que demonstraram interesse em continuar na área do seu curso, como visto anteriormente, um percentual substancial (90,6%) afirma que sua formação técnica pode ser qualificada como boa, ótima ou excelente. Nesse sentido, vê-se que mesmo optando por não seguir na sua área de formação técnica, os alunos saem capacitados para atuar no mercado de trabalho, mesmo que provisoriamente, para, por exemplo, se manter na faculdade. Todavia, os respondentes apresentaram as principais dificuldades existentes na sua formação técnica, sendo a resposta com maior percentual a falta de interesse do aluno, o que apenas reforça o que já foi apresentado anteriormente quando dito que muitos alunos ingressam nos cursos técnicos almejando apenas a oferta com qualidade das disciplinas comuns ou propedêuticas do ensino médio, não possuindo muito interesse pelas disciplinas técnicas, tornando assim o seu processo de aprendizado mais árduo e gerando, por exemplo, novos desafios para o professor dessas disciplinas.



No que tange às perspectivas desses alunos enquanto futuros profissionais, foram listadas algumas dificuldades enfrentadas por um técnico em alimentos ou informática, sendo estas consideradas mais relevantes pelos alunos, tais como: dissonância entre a teoria aprendida e a prática utilizada nas empresas; falta de consciência das empresas quanto à necessidade de um profissional técnico na área; baixa remuneração; e poucas oportunidades de emprego. Vale destacar que a dificuldade mais relevante apontada pelos alunos foi a dissonância entre a teoria aprendida em sala de aula e a prática observada em empresas que foram visitadas. Dessa forma, pode-se levantar a hipótese de que existe uma alguma lacuna nas disciplinas ofertadas que não abordam, segundo a opinião dos alunos, questões relacionadas ao cotidiano das empresas.

A partir de então, o foco dos resultados e discussões se dá na disciplina Gestão Organizacional com base numa educação empreendedora, que está intimamente ligada à formação profissional do aluno e principalmente a forma como este deve se comportar perante um mercado de trabalho tão acirrado e competitivo. Por isso, estudos como o de Rocha (2008) mostram a dificuldade enfrentada pelos jovens para se inserirem no mercado de trabalho. De forma ainda mais evidente, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), fornecem dados interessantes sobre esse assunto, como a de que a taxa de desemprego entre 15 e 24 anos de idade foi de 16,3% em 2011. Dessa forma, vê-se a necessidade, de além da criação de postos de trabalho adequados para atender ao público jovem, a orientação desses acerca da realidade do mercado e dos meios de inserção no mesmo enquanto ainda se encontram no ambiente escolar, de forma particular por meio da disseminação do empreendedorismo tendo como base uma educação empreendedora, pois para a inserção do jovem no mercado, ter alguma experiência é mais relevante que a escolaridade. (BARBOSA FILHO e PESSOA, 2006).

Nessa perspectiva, ao serem questionados sobre a experiência com a temática empreendedorismo com base numa educação empreendedora, 89,6% dos alunos consideram como Excelente ou Ótima. Assim, percebe-se que mesmo estando numa faixa etária de 17 a 19 anos, os alunos já apresentam um forte desejo de conhecer a dinâmica do mercado e o funcionamento das empresas, conhecimentos esses que propiciam ao aluno, observar e experimentar mesmo que de forma preliminar, o complexo mundo organizacional, fator decisivo que pode facilitar a inserção desses futuros profissionais no mercado, sejam como empregados e principalmente como empreendedores, uma vez que durante as aulas o aluno pode discutir e analisar, por meio do ensino, da pesquisa e extensão, experiências similares as que certamente enfrentarão fora do ambiente escolar.

Diante da grande dificuldade que envolve a inserção dos jovens no mercado, empreender surge como alternativa interessante, como diz Boava e Macedo (2006, p. 1): “empreender representa uma ruptura com aquilo que proporciona ao ser humano segurança e estabilidade”, e por vezes, falta para a grande maioria, uma força impulsionadora que pode e deve ser encontrada na escola. De fato, o Brasil é um país empreendedor, pois segundo o Global Entrepreneurship Monitor – GEM em uma lista

de 34 países, o Brasil encontra-se entre os sete com maior grau de empreendedores que abrem suas próprias empresas. (GEM, 2005). Contudo, empreender no Brasil não é fácil. Analisando a definição de Barreto (1998) que afirma ser o empreendedorismo uma habilidade de criar algo a partir de pouco ou quase nada, percebe-se que essa definição se encaixa na situação do brasileiro que na prática geralmente possui pouco capital, poucos estímulos e pouca compreensão da vantagem em adquirir uma educação empreendedora como forma de obter um desenvolvimento econômico e social.

Silva (2011) mostra a necessidade de orientar e preparar o aluno para o mundo de trabalho, necessidade essa que fica bem clara das respostas dos alunos ao serem questionados sobre a classificação da disciplina de Gestão Organizacional, e a relevância das orientações dadas na disciplina referentes a inserção do(a) aluno(a) no mercado. O referido gráfico mostra que 92,1% dos alunos consideraram a disciplina Ótima ou Excelente. Nesse sentido, entende-se não apenas a carência dos alunos em relação a tais orientações, mas também o êxito em relação ao propósito da disciplina, que tem buscado desenvolver atividades e projetos visando à construção de uma cultura empreendedora, que abordam aspectos como criatividade e inovação; habilidade ao aplicar esta criatividade; força de vontade e fé; e foco na geração de valor (BRITTO e WEVER, 2003).

No que se refere à percepção dos alunos quanto às exigências das empresas frente aos seus colaboradores, eles classificaram alguns itens previamente escolhidos conforme compreendessem como mais relevante e menos relevante. Os respondentes consideraram a qualificação técnica e o comprometimento com os resultados da empresa como os itens mais importantes; e a disciplina e comportamento excelentes como o item menos importante dentro de um contexto organizacional interno.

Em relação às sugestões de melhoria apontadas pelos alunos para a disciplina, destacam-se as seguintes: Dar ênfase nas leis trabalhistas, Estudar a situação das empresas locais, Focar nas empresas dos ramos pertencentes aos cursos técnicos alimentos e informática, Dar ênfase em empreendedorismo, Abordar aspectos sobre a legalização de uma empresa junto ao governo, Se aprofundar mais no marketing de uma empresa, Falar sobre os impostos que uma empresa deve pagar, Organizar palestras com empreendedores. Nessa lista, podem-se tomar como exemplo dois pontos: o primeiro diz respeito à ênfase da disciplina no empreendedorismo; e o segundo aspecto trata-se da sugestão para que fossem promovidas palestras com empreendedores, atividades que nos anos de 2013 e 2014 foram realizadas a contento, preenchendo de certo modo essa lacuna descrita quase que exclusivamente pelos alunos do ano letivo de 2012.

Ao serem questionados sobre os pontos fortes e fracos da disciplina, foram apontados os seguintes itens: a) Pontos fortes – Discussões constantes em sala de aula, Trabalho no final da disciplina que permitiu aos alunos o contato com o plano de negócios, Os conteúdos apresentados de alta relevância, A preparação oferecida pela disciplina para o mercado de trabalho, A importância do

planejamento seja na esfera pessoal ou profissional, Visão realista sobre a dinâmica do mercado de trabalho, Palestras proporcionadas pela disciplina que permitiram o contato entre alunos e empreendedores da região, Noções de empreendedorismo para os jovens; b) Pontos fracos – Discussões muito amplas fugindo um pouco do foco da disciplina, Baixa carga horária da disciplina, Pouca valorização da disciplina por alguns alunos.

A partir dos pontos indicados pelos alunos, destacam-se alguns, a começar da percepção que obtiveram da importância do plano de negócios para qualquer empresa, caracterizando-se como uma vantagem competitiva frente a um número considerável de empreendedores, que segundo pesquisas realizadas junto a empresas de pequeno e médio porte, cerca de 66% dos entrevistados não adotam a utilização do plano de negócio ou de qualquer outro plano formal, tornando-se um fator fundamental para a grande taxa de mortalidade de empresas nos seus primeiros dois anos (JUNIOR et al., 2006).

Por último, os alunos perceberam que podem fazer a diferença em suas vidas como verdadeiros protagonistas, mesmo se tornando empreendedores e profissionais jovens, que apesar da pouca experiência de vida, podem sim dar passos sozinhos, substituindo a “síndrome do empregado” pelo “vírus do empreendedor” como ressalta Dolabela (1999). Esses aspectos descritos pelos alunos a respeito da experiência que tiveram na disciplina Gestão Organizacional, com suas inúmeras atividades, podem ser a chave para o sucesso de uma educação empreendedora, pois a educação empreendedora exige que os estudantes tenham contato direto e em larga escala com a “mão na massa” e adquiram experiência com empreendedorismo e o mundo dos empreendedores (BENSON, 1993).

5. CONCLUSÃO

O estudo ora apresentado buscou diagnosticar a percepção dos alunos dos cursos técnicos integrados de nível médio do IFRN – Campus Currais Novos em relação às suas experiências no IFRN – Campus Currais Novos, dentre estas, com a disciplina Gestão Organizacional ministrada com base numa educação empreendedora, na qual diversas ações e atividades tentaram proporcionar uma dinâmica diferenciada aos alunos em prol de um melhor aproveitamento do conteúdo transmitido e principalmente das experiências vivenciadas. Desse modo, percebeu-se que os alunos pesquisados consideraram satisfatória a disciplina ministrada, bem como a didática utilizada pelo docente, isto é, compreendem como instigante e proveitoso o estudo sobre empreendedorismo, principalmente quando baseado numa educação empreendedora.

Nesse contexto, espera-se que estudos posteriores sejam realizados em outras turmas de níveis diferentes, como no ensino superior e no curso integrado na modalidade de educação para jovens e adultos ou então que pesquisas realizem comparações entre disciplinas ou cursos que utilizam a

educação empreendedora como prioridade e outras que não utilizam, além de comparações entre cursos semelhantes ou distintos em campi diferentes da rede federal de educação profissional.

Por fim, ressalta-se novamente a relevância dessas práticas baseadas na educação empreendedora, bem como do assunto empreendedorismo em si, que além de trazer novidades temáticas para os discentes, os envolve em assuntos pertinentes ao seu futuro profissional, independente da área em que atuem.

4. REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, F. H; PESSOA, Samuel. **Retorno da educação no Brasil**. São Paulo: Instituto Futuro Brasil, 2006.

BARRETO, L. P. **Educação para o empreendedorismo**. Salvador: Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador, 1998.

BENSON, G.L. Thoughts of an entrepreneurship chair holder model entrepreneurship curriculum. **Journal of Applied Business Research**, v. 9, n. 1, 1993.

BOAVA, D. L. T; MACEDO, F. M. F. Estudo sobre a essência do empreendedorismo. ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD – ENANPAD, 30, Salvador. **Anais...**, Salvador: ANPAD, 2006.

BRITTO, F.; WEVER, L. **Empreendedores brasileiros: a experiência e as lições de quem faz acontecer**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BULGACOV, Yára Lúcia M., et. al. Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão? **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 3, 2010.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor: A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

_____. **O Ensino de Empreendedorismo no Brasil: Uma Metodologia Revolucionária**. São Paulo: Fundação Vanzolini, 1999.

DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.2, 2013.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e Espírito Empreendedor: Prática e Princípios**. São Paulo: Cengage Learning, 1986.

FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: Identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração de Empresas**, FGV, São Paulo, jul./set., 1991.

_____. Visão e relações: elementos para um metamodelo empreendedor. **Revista de Administração de Empresas**, v. 33, n. 6, nov./dez., 1993.

_____. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 39, n. 4, 1999.

_____. **Um roteiro para desenvolver o empreendedorismo**. Recife: IEL, 2003.

_____. Operators and visionaries: differences in the entrepreneurial and managerial systems of two types of entrepreneurs. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v.1, n.1, pp. 35–55, 2004.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil 2004**: Sumário Executivo. Curitiba: SEBRAE, 2005.

GOMES, Danilo C. et. al. Empreendedorismo Jovem: da escola para o mercado de trabalho. **Revista Holos**, v. 5, 2014.

HENGEMÜHLE, Adelar. **Desafios educacionais na formação de empreendedores**. Porto Alegre: Penso, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Brasília, 2011. Microdados.

JUNIOR, João Benjamin Cruz, et al. Empreendedorismo e educação empreendedora: confrontação entre a teoria e prática. **Ciências da Administração**, Florianópolis. v. 8, n. 15, 2006.

LIMA-FILHO, Dario de Oliveira; SPROESSER, Renato Luiz; MARTINS, Eber Luis Capistrano. Empreendedorismo e Jovens Empreendedores. **Revista de Ciências da Administração**, v. 11, n. 24, maio/ago. 2009.

LOPES, Rose Mary A. **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MENDES, Jerônimo; FILHO, Iússéf Zaiden. **Empreendedorismo para Jovens**: ferramentas, exemplos reais e exercícios para alinhar a sua vocação com o seu projeto de vida. São Paulo: Atlas, 2012.

ROCHA, Sonia. A Inserção dos Jovens no Mercado de Trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, Set.\Dez. 2008.

SILVA, Marcos Antonio Batista da. Jovens Adolescente e a Inserção ao Mundo de Trabalho: Influências e Percepções. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, **Anais ...**, Salvador: 2011.